

## ● INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR CÃES

**Benefícios e desafios atuais para alcançar o bem-estar animal****AUTORES:****PEDRO ESTEVES ROSA, PGD ABW**

Licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Pós-graduado em Comportamento e Bem-estar Animal no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Desde 2005 exerce funções de Animador Cultural trabalhando com crianças e jovens em situação de risco no Instituto dos Ferrovários. No início de 2014 começou a sua participação em regime de voluntariado no projeto *Cãosgo* de Intervenções Assistidas por Cães em surdocegueira no Centro de Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira, equipamento da Casa Pia de Lisboa.

**GONÇALO DA GRAÇA PEREIRA, DVM, MSCETHAW, DIP ECAWBM (SM)**

Licenciado em Medicina Veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa. Mestre em Etologia Clínica e Bem-Estar Animal pela Faculdade de Veterinária da Universidade Complutense de Madrid. Diplomado pelo Colégio Europeu de Bem-Estar Animal e Medicina do Comportamento, na subespecialidade de Medicina do Comportamento. Doutorando em Ciências Veterinárias pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Professor de "Comportamento, Bem-Estar e Proteção Animal" e Co-Director do "Curso de Especialização Tecnológica em Cinotecnia-Treinadores de Cães" da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Lusófona. Formador e palestrante em Seminários, Conferências e Congressos nacional e internacionalmente. Autor e Co-autor de diversos estudos em Comportamento e Bem-estar em Portugal. Recebe casos de referência em Clínica Comportamental desde 2003. Presidente da PsiAnimal - Associação Portuguesa de Terapia do Comportamento e Bem-estar Animal e Vice-Presidente da *European Society of Veterinary Clinical Ethology*.

Veterinária  
Atual

VA

PÁGINA 30

Diz a sabedoria popular que o melhor amigo do Homem é o cão. Talvez não fosse demais dizer que o cão não é hoje apenas um animal doméstico, podendo ser também um colega de trabalho para uns ou um facilitador na resolução de problemas para outros. O seu protagonismo na vida humana tem ganho força nas últimas décadas e as Intervenções Assistidas por cães são a ilustração disso mesmo.

É relevante enquadrar do que se tratam estas intervenções, assumindo-se desde logo que existem limitações inerentes à sua

definição, uma vez que as intervenções carecem ainda de uma base teórica sustentada que seja amplamente reconhecida e que considere as questões práticas, éticas e de segurança das suas sessões. Feita a ressalva, e discussões teóricas à parte, reconhecem-se hoje as Intervenções Assistidas por Animais (I.A.A.) em dois domínios principais: 1) Atividades Assistidas por Animais (A.A.A.) enquanto actividades lúdicas individuais ou em grupo, desprovidas de um sentido terapêutico e 2) Terapias Assistidas por Animais (T.A.A.), como intervenções individuais e persona-



lizadas, programadas com um objectivo terapêutico pré-estabelecido e adequado às necessidades do cliente. Estas dinâmicas são dirigidas a pessoas envolvendo a interacção com um ou mais animais e são desenvolvidas por um profissional de saúde ou da educação, no âmbito da sua competência e especialidade (os técnicos de I.A.A.), incluindo-se também aqueles que nelas participam em regime de voluntariado. Os técnicos das intervenções assistidas, podendo ou não ser os donos dos cães com os quais trabalham, são os tutores destes animais, isto é, os responsáveis diretos pelo seu comportamento e bem-estar no contexto das sessões.

São do século XVII os primeiros registos conhecidos sobre o impacto positivo de animais de pequeno porte no desenvolvimento da empatia e da responsabilidade, nomeadamente em crianças, através do filósofo John Locke. O termo *pet therapist* foi introduzido no século XX, na década de 60, por Boris Levinson, um psicoterapeuta infantil após observar acidentalmente a influência positiva que o seu cão *Jingles* teve num paciente ao entrar espontaneamente no local da sessão terapêutica. A partir de então seguiram-se muitos trabalhos até aos dias de hoje que exploram e demonstram a existência de benefícios muito significativos na relação humana com o cão, não apenas em populações infantis, mas noutras faixas etárias e em públicos com necessidades muito distintas e complexas entre si.

Existem relatos de trabalhos em lares de crianças e jovens, lares de idosos, instituições com utentes portadores de deficiências motoras e mentais, escolas, hospitais, prisões, entre outros casos. Os cães assumem aqui vários papéis, como intermediários e facilitadores de aprendizagem, motivadores de leitura, estimuladores multissensoriais, promotores da capacidade relacional, incentivos do desenvolvimento ou recuperação de faculdades físico-motoras, apaziguadores de processos de instabilidade emocional e de comportamentos agressivos, entre outros. A evolução dos clientes demonstra a eficácia das intervenções assistidas por cães, cujo percurso deixa uma porta aberta para aquilo que o cão poderá ainda fazer por nós.

O cão é um dos animais mais utilizados no contexto das Intervenções Assistidas por Animais, em particular pela facilidade de aprendizagem e reconhecimento de comandos que adquire através do treino. Este processo é fundamental não apenas no desenvolvimento das capacidades do animal, mas também na prevenção de problemas de natureza comportamental e fisiológica no cão, em função do treinador e respectivos métodos, considere ou

não noções importantes de bem-estar animal na sua prática. Ultrapassados os métodos de treino aversivos mais clássicos, teoricamente descredibilizados, mas que ainda contam com adeptos, importa reforçar que a utilização do treino por métodos positivos é a base saudável para o treino canino. As técnicas não devem causar medo ou dor no animal devendo, em vez disso, ser claras, consistentes e reforçadoras para o animal que terá a sua predisposição natural para aprender. Ao tutor exige-se responsabilidades no tipo de treino que escolhe para o seu animal, mantendo-o treinado ao longo da sua vida activa, de modo a que responda bem aos comandos que lhe são ensinados quando for solicitado.

As intervenções assistidas por cães são, actualmente, uma realidade emergente, apresentando-se grandes desafios diante de si. De norte a sul do país existem já vários projectos que apresentam o cão de trabalho como um recurso inovador para promover o bem-estar humano a diferentes níveis, institucional ou particular, com várias populações. Deste modo é importante existir uma consciência generalizada sobre a importância que o bem-estar animal tem para o próprio bem-estar dos clientes que usufruem das I.A.A. Estas dependem do bom desempenho do cão e, para tal, o bem-estar tem de estar assegurado. No entanto, tradicionalmente as atenções e a literatura estão ainda focadas nos benefícios destas práticas para o humano, muitas vezes com pouca ou nenhuma referência às necessidades dos animais. Ainda assim podemos ler diversos estudos baseados na observação de intervenções assistidas por cães que nos podem munir de informações úteis, assim como servir de estímulo para reflectir e discutir sobre o impacto das intervenções nos animais envolvidos. É natural, à partida, que as capacidades do cão despertem grandes expectativas relativamente ao que são capazes de fazer pelos clientes. As suas exigências podem, no entanto, influenciar as sessões e forçar o cão a confrontar-se com contextos que lhe sejam adversos. Alguns exemplos descritos apresentam o medo relacionado com a novidade, a falta de previsibilidade e consequente insegurança do cão perante o ambiente estranho, o tempo exagerado das sessões, a falta de descanso, a invasão do seu espaço, as modelações de aprendizagem a comportamentos não-naturais, a alimentação excessiva, a falta de água, a exibição de comportamentos estranhos, o treino desumano, inapropriado e inexperiente ou a ausência de espaços de fuga como exemplos de circunstâncias desfavoráveis para o cão. A eventual incapacidade do animal em lidar com estes cenários pode conduzir a consequências de natureza comportamental ou fisiológica tais



como complicações ao nível dos sistemas cardiovascular, gastrointestinal, imunitário e urinário, comportamentos de ansiedade, micção frequente, infeções de ouvidos, desidratação, exaustão, auto-mutilação, lesões, estereotípias e atividades deslocadas, entre outros exemplos. Posto isto, saber antecipar e lidar com tais problemas é um trabalho exigente e com o qual os técnicos de intervenções devem contar, como responsáveis não só pelos animais, como pelo planeamento e desenvolvimento das sessões junto dos clientes. Importa considerar ainda que a exposição do cão a situações que lhe sejam "desconfortáveis" podem, em situações extremas, induzi-lo num escalar de comportamentos agressivos, comprometendo desse modo a utilização do cão e podendo, por consequência, induzir fobias num cliente para o qual poderá ser muito difícil voltar a beneficiar de uma intervenção assistida por um cão.

Os cães aprendem os comandos e respondem aos comportamentos ensinados, em contrapartida cabe ao tutor capacitar-se de conhecimentos que lhe permita reconhecer e responder a sinais de stress, desconforto, medo ou outras ameaças que possam decorrer das intervenções. Nesse sentido, o comportamento do animal apresenta-se como a plataforma mais acessível e imediata para avaliar o seu bem-estar, pelo que o conhecimento dos sinais comportamentais discretos de ansiedade ou de antecipação do medo é uma base importante para quem trabalhe em diáde com o cão. O facto destes sinais poderem facilmente passar despercebidos ou mesmo ser confundidos por acções comuns no repertório comportamental do cão, como exemplarmente um bocejo ou o lamber do nariz, aumenta o nível de exigência do técnico, implicando um treino visual para detetar tais indicadores. O planeamento adequado das sessões, a adaptação dos espaços às intervenções e a sensibilização prévia quando possível do público-alvo ao tratamento gentil com o animal são ainda outros exemplos que podem e devem ser tomados em consideração para agir na prevenção de implicações nos programas que, idealmente, deveriam beneficiar tanto os animais, como os humanos.

Em Portugal é visível o interesse natural pelas intervenções assistidas por cães e o envolvimento crescente na relação dos agentes que as promovem com os clientes que delas beneficiam. Este facto justifica uma revisão da lei portuguesa que contemple, desde logo, as Intervenções Assistidas por Animais e siga assim a par da realidade que se vive. A revisão da lei deve ser trabalhada à luz das necessidades dos seus clientes, assim como das necessidades e do bem-estar dos animais envolvidos. Para tal é urgente habilitar e certificar legalmente os treinadores caninos e, por consequência, regulamentar as diádes humano-cão que se formam para estes treinos e trabalho específico. Estas equipas, formadas com o objetivo de realizar Intervenções Assistidas em Portugal, vêm desenvolvendo um trabalho que efectivamente decorre à margem de um enquadramento legal e que não defende quaisquer das partes envolvidas. As Intervenções Assistidas por cães têm definido um percurso que só reforça o seu potencial e margem de progresso. É, por isso, cada vez mais importante encarar as suas práticas com responsabilidade, em prol da consistência de um trabalho cada vez mais completo e que vise todas as partes, partindo do princípio de que proteger e promover o bem-estar animal é, simultaneamente, salvaguardar a própria prática das Intervenções Assistidas por Animais.

#### Bibliografia:

- Iannuzzi, D. e Rowan, A. (1991). Ethical issues in animal-assisted therapy programs. *Anthozoós*, 4(3), 154-163.
- Evans, N. e Gray, C. (2012). The Practice and Ethics of Animal-Assisted Therapy with Children and Young People: Is it Enough that We Don't Eat Our Co-Workers?. *British Journal of Social Work*, 42, 600-617.
- Pet Partners (1996). What are Animal-Assisted Activities/Therapy? Consultado a 21 de Março de 2013 em <http://www.petpartners.org/document.doc?id=1102>.
- Fine, A. (2000). Animals and therapists: Incorporating animals in outpatient psychotherapy. *Animal assisted therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*, 179-207.
- Levinson, B.M. (1965). Pet psychotherapy: use of household pets in the treatment of behavior disorder in childhood. *Psychological Reports*, 17, 695-698. Southern Universities Press.
- Cole, M.L. (2009). *Literature review and manual: animal-assisted therapy*. Lethbridge, Alberta.
- Hatch, A. (2007). The view from All Fours: A Look at an Animal-Assisted Activity Program from the Animal's Perspective. *Anthozoós*, 20, 37-50.
- Haubenhofer, D.K. e Kirchengast, S. (2006) Physiological arousal for compa-
- Fotografias cedidas por Cão-sigo - Intervenções Assistidas por Cães em surdocegueira no Centro de Educação e Desenvolvimento António Aurelio da Costa Ferreira

- nion dogs working with their owners in animal-assisted activities and animal-assisted therapy. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 165-172.
- Marinelli, L., Mongillo, P., Salvadoretti, M., Normando, S. E Bono, G. (2009a). Welfare Assessment of Dogs Involved in Animal Assisted Activities. *Journal of Veterinary Behavior*, 4, 84-85.
- Marinelli, L., Normando, S., Siliprandi, C., Salvadoretti, M. E Mongillo, P. (2009b). Dog assisted interventions in a specialized centre and potential concerns for animal welfare. *Ver Res Commun*, 33, 93-95
- King, C., Watters, J. e Mungre, S. (2011). Effect of a time-out session with working animal-assisted therapy dogs. *Journal of Veterinary Behavior*, 6, 232-238.
- Beck, A. e Katcher, A. (2003). Future Directions in Human-Animal Bond Research. *American Behavioral Scientist*, 47, 79-93.
- Burrows, K.E., Adams, C.L. e Millman, S.T. (2008). Factors Affecting Behavior and Welfare of Service Dogs for Children With Autism Spectrum Disorder. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, 11, 42-62.
- Beerda, B., Schilder, M.B.H., Van Hooff, J.A.R.A.M., De Vries, H.W. (1997). Manifestations of chronic and acute stress in dogs. *Applied Animal Behaviour Science*, 52, 307-319.
- Ruggaas, T. (1997). *On talking terms with dogs: calming signals*. Dogwise Publishing.
- Yin, S. (2009) *Low Stress Handling, Restraint and Behavior Modification of Dogs & Cats*. CattleDog Publishing.

